

NOSSO CHÃO, NOSSO ALIMENTO

Tecnologias de captação de água que reuniu a família em torno da produção

Na localidade de São José, município de Vila Nova-PI vive um casal feliz. Casados há 25 anos, Dona Mariana de Jesus Silva, 44 anos e Bibiano Calixto da Silva 45, conquistaram duas cisternas na propriedade, uma cisterna de enxurrada e a cisterna de 16 mil litros para beber e cozinhar através do Programa Uma Terra e Duas Águas – P1+2. O cultivo de hortaliças e a criação de animais, como gado, ovelhas e galinhas garante o sustento do casal e do filho de 19 anos.



Dona Mariana, relembra saudosa da sua infância e comenta que os tempos eram mais difíceis quando ainda morava com os pais. “Eu sempre trabalhei na roça, desde menina. Quando meu pai casou, foi morar na Chapada da Luinha e levou a gente pra lá. É bem longe daqui, então estudei pouco só até a segunda série. E sofri muito, pois o trabalho era pesado, mas assim mesmo ajudei a criar os outros irmãos. Sou a mais nova das mulheres. Somos sete, quatro homens e três mulheres. Isso por que morreu os outros sete, senão seriam quatorze. Naquela época, quando os menininhos nasciam já adoeciam e às vezes não vingavam. Mas hoje as coisas estão





mudadas, é mais difícil acontecer isso” pontua a agricultora.

Com relação às duas cisternas construídas em sua propriedade, seu Bibiano conta que recebeu há uns seis anos e que as mudanças foram significativas, pois agora podem produzir para tirar para o próprio consumo e ainda vender para ajudar na renda. Ele conta ainda, que antes de serem beneficiados com essa tecnologia, trabalhava na função de

armador na construção civil. “Tive um acidente de trabalho, machuquei a mão e não tive mais como trabalhar e hoje estou encostado pela firma, o salário diminuiu muito, pois quando a gente tá trabalhando ainda pode fazer hora extra pra complementar. Eu não tive muitas oportunidades de estudo, trabalho fazendo bico, mas não tenho como fazer tudo que eu fazia antes. Mas a gente tem que trabalhar né? Quando me acidentei, eu estava na região de Minas Gerais, passei mais de três anos indo pra lá. Minha mulher foi algumas vezes com nossos filhos pequenos, mas não aguentou não se acostumou. Eu trabalhei em Alvorada do Tocantins, São Paulo e em vários lugares. Mas agora tá bom, tá mais tranquilo, nossos filhos já estão encaminhados. Essa parte do plantio fica mais é sob os cuidados dela” ressaltou.

Dona Mariana diz que vende para os vizinhos, mas as pessoas que passam por lá e que veem a horta toda verdinha, também se interessam e compram. “A gente planta pouquinho por que eu também não aguento regar muito, é só pra gente num ficar sem nada, a gente tira pro consumo da gente para não precisar comprar. Tem milho, feijão, tem cebolinha, coentro e o dinheirinho serve e é bom! Mas se plantar tudo de uma vez não dá certo. Vou deixando um espaço pra plantar, tiro uns e depois vou plantando de novo” explica.

“ Tem umas criações também, algumas cabeças de gado, umas fêmeas que já deu cria de três aí eu vou deixando, tirando leite. É assim, tem as de eu criar e tem as

de eu comprar só pra abater e depois vender e tenho também umas 30 ovelhas que dá uma cria boa. Quando eu posso, pago gente pra me ajudar, mas os ganhos ainda são fracos. Mas eu faço leilão, pois em tudo a gente tem que dar um jeitinho. Pra nós que estamos acostumados a trabalhar num tem como ficar parado. Meu pai me levou pra roça com cinco anos de idade, trabalhei até os 19 e com essa idade me casei, eu com 19 anos e ela 18 e assim estamos levando a vida”, conclui seu Bibiano com um sorriso no rosto.



Realização



Apoio

